

OPINIÃO

Primeiro defeso do caranguejo chega ao fim com preços em alta. Página 3.

OLIBERAL

FILIADO A SOCIEDADE
INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIPANJ ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNALISTASPresidente
Lucidéa Batista MaioranaPresidente Executivo
Romulo Maiorana Jr.Diretor Jurídico
Ronaldo Maiorana
(OAB-PA 8667)Diretora Administrativa
Rosângela Maiorana KzanDiretora Comercial
Rosemary MaioranaDiretor Industrial
João Pojucam de Moraes FilhoDiretor Corporativo de Jornalismo
Walmir Botelho D'OliveiraDiretor de Novos Negócios
Ribamar GomesDiretor de Marketing
Guarany JúniorDiretores
José Edson Salame
José Luiz Sá PereiraEditor-Chefe
Lázaro Moraes**O LIBERAL** é editado por
Delta Publicidade S/A
CNPJ. (MF) 04929683/0001-17.
Inscrição Estadual: Isenta.
Municipal: 032.632-5**Administração, Redação,
Centro Tecnológico Gráfico,
Publicidade**
Av. Romulo Maiorana, 2473.
CEP: 66.093-000.
Telefone: 3216-1000.
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.
Fax: (091) 3216-1143.
Belém, Pará, Brasil.As opiniões emitidas em textos assinados
são livre manifestação do pensamento de
seus autores e não representam a opinião
do jornal.**Sucursal Centro/
Centro-Oeste**Diretor:
Fábio Andrade► **Brasília-DF**
SRTVN Q.701 CONJ. C.
Ed. Centro Empresarial Norte,
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719.900.
Fone/fax: (61) 3328-9394/3328-9396.
E-mail: sanab634@zaz.com.br**Sucursal Sudeste/
Sul/Nordeste**Diretor:
Carlos Namur► **São Paulo-SP**
Edifício Iguatemi Office Building
Rua: Iguatemi, 192
Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010
Fone/fax: (11) 3073.1450 / 1451 / 1453
e-mail: sucursalsapaulo@oliberal.com.br► **Rio de Janeiro-RJ**
Edifício Dijon Business Center.
Rua Farnes de Amoedo, 56 - Cj. 506 e
507 - Ipanema. Cep. 22420-020 - Rio
de Janeiro. Telefone: (21) 2103-4540.
E-mail: comercial.rio@oliberal.com.br**Preço do exemplar****Zona I** - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concórdia, Dom Eliseu, Igarapé-Miri, Irituia, Itinga, Mãe do Rio, Moju, Mosqueiro, Nova Timboteua, Ourém, Paragominas, Quatro Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis e Vigia.► **Dias úteis R\$ 2,00**
► **Domingo R\$ 4,00****Zona II** - Almeirim, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Portel, Porto de Moz, Redenção, Soure, Ourilândia do Norte, Tucumã, Tucuruí, Xinguba, Juruti, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.► **Dias úteis R\$ 2,50**
► **Domingo R\$ 4,50****Zona III** - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.► **Dias úteis R\$ 3,00**
► **Domingo R\$ 6,00****Zona IV** - Demais Estados► **Dias úteis R\$ 4,50**
► **Domingo R\$ 9,00****Zona V** - Macapá► **Dias úteis R\$ 3,00**
► **Domingo R\$ 6,00****Telefones de O LIBERAL**

Reportagem: 3216-1138
Assinaturas: 3204-6000
Atendimento ao Assinante: 3216-1011
Classificados: 3277-9200
Comercial: 3216-1163 e 3216-1176

joséseráfico

Desconcerto

Primero, a guerra fiscal; depois, a distribuição dos royalties do pré-sal. A rima não discrepa do enorme vínculo que se pode estabelecer entre o recrudescimento de porfia deletéria entre os estados e entre as regiões e o desvio das funções do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República.

Criado no início do primeiro mandato de Luis Inácio Lula da Silva, logo o CDES despertou as mais entusiásticas esperanças em milhões de brasileiros. A composição de seu plenário, onde tinham assento representantes do governo e da sociedade civil, somada à palavra de ordem repetidamente pronunciada por Tarso Genro, o primeiro secretário-executivo, justificavam a indistintável euforia de que fomos tomados.

O atual governador do Rio Grande do Sul convocava-nos, então, para tecer o que se chamou a concertação social. Com isso se queria afirmar o papel de equilíbrio a ser desempenhado por profissionais oriundos das mais diversas regiões do País, de todos os estados e supostamente compromissados com o aprofundamento democrático que todos pre-textávamos postular.

Servindo a um só tempo, de fórum de debates abertos e consistentes entre os segmentos sociais (empresários, administradores públicos, formadores de opinião, líderes trabalhadores e religiosos, movimentos sociais e acadêmicos) lá representados, e formuladores de propostas de políticas públicas, o CDES contaria com a audiência do próprio Presidente da República - ao fim e ao cabo, seu presidente titular.

Inúmeras foram as vezes em que, até 2005, alteramos nossas agendas locais, com o objetivo de participar, em Brasília ou outra capital, de discussões de suma importância para

Entendíamos necessário dar contas à sociedade, sem o que ruiria o ambiente então propício ao objetivo pretendido.

o futuro do País. Titulares e suplentes (e era eu um deles) entregávamo-nos ao debate aberto, no afã de ver sobretudo superadas as distâncias regionais. Estas, dizíamos alguns de nós, o maior desafio a enfrentar.

No extremo, não me faltou a oportunidade de afirmar perante meus colegas de plenário da absoluta inconveniência de a economia continuar crescendo, se a distribuição de seus recursos não alterasse o quadro de injustiça reinante. Aqui, acentuava a injustiça não apenas estabelecida entre unidades federativas e regiões; interessava-me, em especial, a injustiça social, aquela que faz da nossa uma das realidades mais cruéis do Planeta. Incidir na conduta vigente implicaria aumentar as diferenças. A iniquidade, portanto.

São os próprios órgãos oficiais que o revelam: sexta economia do mundo, nossos índices de desenvolvimento humano ilustram a perversidade com que nossas elites (e não apenas as políticas) encaram o direito da grande maioria de seus compatriotas.

Estava ali, naquele ambiente em que noventa brasileiros de tão diferentes origens e formação gastavam parte de seu tempo mesmo à custa de prejuízos financeiros, o palco em que se encenariam os primeiros passos de uma verdadeira revolução social. A tanto autorizavam as palavras e a conduta de Tarso Genro, como mais tarde o ratificou o ministro Jacques Wagner.

Pouco a pouco, porém, foram-se

perdendo os fundamentos do Conselho. Já quase não se ouvia mais falar em concertação. Se, e quando ocorria algo que pelo menos pudesse lembrar esse compromisso, as coisas caminhavam em direção oposta. Foi assim, por exemplo, quando numeroso grupo do CDES quis apuradas as denúncias do mensalão. Corria o ano de 2005 e um grupo dos que estávamos imbuídos do propósito de tornar realidade o pacto anunciado mostramos a importância de um pronunciamento que coloca-se a salvo a honorabilidade do governo. Entendíamos necessário dar contas à sociedade, sem o que ruiria o ambiente então propício ao objetivo pretendido.

Aí ocorrem as primeiras deserções, uma delas a minha. De nada adiantaria permanecer no Conselho, testemunhando as distorções que já se anunciavam - e que o tempo mostraria mais próximas que a conduta oposta.

Consulte-se, hoje, o próprio sítio do CDES, na internet. Há mais de seis meses, o plenário não se reúne. Antes, reuníamos-nos mensalmente, além de sermos chamados ao debate algumas outras vezes, a cada mês.

Depois, verifique-se a substituição frequente do secretário-executivo. Até prova em contrário, o papel desse importante articulador encaminhou-se por buscar não o pacto social anunciado, mas o ajustamento das correntes e vozes divergentes às pretensões oficiais.

Por isso, vejo com preocupação e mal-estar a frustração de um projeto tão promissor quanto sujeito a riscos que os costumes políticos brasileiros sempre impõem a ideias e projetos cheios de mérito.

■ **José Seráfico é professor da Universidade Federal do Amazonas.**

E-mail: jserafico@uol.com.br



ruiraiol

Deus, a natureza e o Universo

O cristianismo ainda não consegue estabelecer uma ponte reta entre Deus e a Criação. Isto ocorre em relação à superfície da Terra e ao Universo, como um todo. Sobre a Terra, quando não conseguimos compreender que toda forma de natureza, viva ou morta, resulta de um ato criativo de Deus. Quanto ao Cosmos, ao vivermos alheios à grandiosidade do mundo que nos envolve, com seus bilhões de estrelas, planetas e galáxias.

Se você notar bem, verá que há uma quebra de valorização entre o Deus cultuado nas igrejas e aquele que nos cerca por todos os ângulos com suas obras. Há uma separação entre essa Divindade e os feitos que todos nós, criacionistas, atribuímos a Ele. No máximo, a religião faz alguma alusão teológica à Criação. Comenta o Gênesis. Porém, na prática, parece que lidamos com deuses diversos: um, todo-poderoso, capaz de em seis dias criar tudo o que existe, e outro, menos expressivo, que realiza obras voltadas unicamente para a satisfação humana.

Não atingiremos uma boa consciência cristã sem reunirmos esses "deuses" numa só Pessoa. Aliás, sem essa visão, o próprio Deus parece pequeno. Não há uma fé poderosa, mas algo rasteiro e utilitarista, segundo nossos padrões de necessidade, sobretudo hoje, quando o Evangelho virou moeda, em parte.

Precisamos reunir num único Deus Aquele que fez o Universo e o nosso mundo de crenças.

Na Bíblia, o profeta Elias foi alguém que enxergou Deus além dos contornos da religião de sua época. Ele cria em Alguém capaz de mexer com a engrenagem da Criação. Uma pessoa capaz de provocar estiagens e também chuvas torrenciais. Assim creram Moisés, Gideão, Isaías e tantos outros personagens curiosos do Antigo Testamento. Por isso, em nome de Deus, eles viram coisas extraordinárias acontecerem. Sob suas ordens, o mar se abriu em dois muros e até o Sol "parou" e retrocedeu em seu movimento aparente de rotação.

Vejam como alguns de nós tratamos a natureza. Passamos o tempo todo destruindo o que Deus fez, e, depois, sem ligarmos uma coisa à outra, refugiamos-nos em alguma igreja para cultuá-lo. Sendo você Deus, o Criador, como reagiria perante um adorador desse tipo? Como olharia para alguém todo aparamentado e contrito nas cerimônias, que, todavia, zomba e despreza o que você fez para ele e toda a humanidade? Como você olharia esse tipo de fé, cujo olhar é puramente introspectivo, para não dizer, às vezes, egocêntrico?

Observe como alguns cristãos lidam com os animais. Quanta gente soberba! Quanta gente má! Há pessoas que desprezam os animais porque se consideram superiores. Será? Olhe, do ponto de vista da inocência e da bondade, há muito bicho superior a gente. Em casa, tenho dois gatos e alguns pássaros. Confesso que muitas vezes me considero inferior a eles. Eles têm um estilo de vida tão simples! Tendo o que comer e onde dormir, estão satisfeitos. Contentam-se com a ração diária. Não fazem mal a ninguém.

Precisamos reunir num único Deus Aquele que fez o Universo e o nosso mundo de crenças. O Universo é a maior demonstração do poder divino. A religião não pode desprezar essa autoridade celestial, sob pena de continuar vendo o Todo-Poderoso através de placas frias e embaçadas de nossas igrejas. Precisamos olhar ao redor, cada pessoa, cada flor, cada partícula de vida. Precisamos olhar para cima, cada nuvem, cada estrela, cada raio de sol. Eis uma forma excelente de crer em Deus e de agradá-lo. Extraordinário método de compreendermos a Divindade, até porque essa Criação não é coisa do passado: tudo subsiste hoje por um atuação diária do próprio Deus nesse meio. Que tal nos sentirmos parte desse todo? Experimentaremos uma fé inabalável.

■ **Rui Raiol é escritor.**
(www.ruiraiol.com.br)

Como evitar o pior na política

MURILLO DE ARAGÃO

Nos bastidores da política nacional existe uma percepção de que é inevitável que a base política do governo rache com vistas à sucessão de 2014. Tal percepção fundamenta-se no fato de que os aliados estão insatisfeitos com o Planalto.

Pessoalmente, acredito que o racha é evitável, ainda que o acúmulo de insatisfações possa afetar as composições para 2014. A origem de tanta insatisfação reside em alguns vetores.

O primeiro deles centra-se na distribuição de cargos no governo, que não é balanceada. O segundo se refere ao processo de liberação de verbas - em especial as emendas dos parlamentares -, que é errático e sofrido.

O terceiro decorre da falta de atenção do Palácio para com os políticos, ao contrário do que acontecia na época de Lula. O quarto reside na difícil comunicação entre os políticos e os formadores de opinião com o Ministério.

A obtenção de audiências é difícil e o retorno de ligações é complicado. Há líderes da base que não conseguem falar com ministros e tem ministro que acumula mais de 500 pedidos de audiência sem resposta.

Existe ainda a impressão de que a popularidade alcançada pelo governo resultou em uma espécie de soberba e um consequente distanciamento da base. E que, em algum momento, quando o governo precisar, essa fatura vai ser cobrada.

O quinto vetor está no fato de que aliados de espécies diferentes tendem a se estranhar. O que não é novidade, é recorrente e resulta em intrigas e muito "fogo amigo". Aparentemente, o Palácio não se importa com isso. Como se os sentimentos e as reclamações fossem uma espécie de choro destinado a obter compensações.

É verdade. O político, mesmo bem atendido, sempre se mostrará insatisfeito. Afinal, a sede de poder é insaciável. Quanto mais, melhor - sejam verbas, cargos, apoios ou declarações.

Portanto, seria mais prudente manter uma política de boa vizinhança com os aliados. Porém, a dinâmica instalada sinaliza para um racha em 2014, ainda que este seja evitável. E quais seriam os cenários do racha? Vamos examinar apenas dois.

O PSB e o PDT, por exemplo, sairiam da base e lançariam Eduardo Campos na disputa pela Presidência com o apoio, talvez, de Aécio Neves. Ambos, para quem não sabe, têm uma relação íntima na política, inclusive com apoios estratégicos recíprocos em outras épocas.

Aparentemente, nas atuais circunstâncias, apenas a candidatura de Lula poderia impedir Eduardo Campos de sair candidato.

Outro cenário de racha pode ocorrer com o PMDB, cujas lideranças já anunciaram, publicamente, que o partido está sub-representado no governo e que poderá ter candidato presidencial em 2014. Não acredito. Penso que o PMDB deve marchar com o PT, caso fique assegurada a vaga de vice-presidente e caso a presidente Dilma esteja com a popularidade elevada.

O cenário é de unidade da base. Seja com Dilma, seja com Lula. Com Lula, a base política estaria unida e feliz. Com Dilma, ela pode ficar unida na dependência de diálogos e de compromissos.

Isso posto, qual a consequência da insatisfação dos aliados com o governo? A primeira delas é a ampliação do conflito, favorecendo o denunciamento de escândalos, tal como ocorreu em 2011. A segunda consequência é a sabotagem nas votações de interesse do governo. A terceira é o apoio a iniciativas da oposição, por meio de convocações e audiências públicas.

Um governo exitoso deve operar tanto econômica quanto politicamente de forma competente. Quanto mais popular for, maior deve ser a interação com os formadores de opinião, tendo em vista a preservação do ciclo virtuoso.

A falta de uma maior sensibilidade política pode, em um dado momento, fazer falta.

■ **Murillo de Aragão é cientista político.**